

Núcleo de Catequese Paulinas – Nucap

# INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ

CATECUMENATO CRISMAL

*Livro do Crismando*

Edição revista e ampliada com Querigma



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Iniciação à vida cristã : catecumenato crismal : livro do crismando / Núcleo de Catequese Paulinas - NUCAP . – 17. ed. – São Paulo : Paulinas, 2014. – (Coleção água e espírito)

Bibliografia.  
ISBN 978-85-356-3769-4

1. Catecumenato 2. Catequese - Igreja Católica 3. Crisma - Estudo e ensino 4. Fé I. Núcleo de Catequese Paulinas - NUCAP. II. Série.

14-04098

CDD-265.207

**Índices para catálogo sistemático:**

- |  |         |
|--|---------|
| 1. Catecumenato crismal : Cristianismo               | 265.207 |
| 2. Crisma : Preparação : Catecumenato : Cristianismo | 265.207 |

17ª edição – 2014  
9ª reimpressão – 2019

Direção-geral: *Flávia Reginatto*

Editores responsáveis: *Vera Ivanise Bombonato e Antonio Francisco Lelo*

Redatores: *Antonio Francisco Lelo (coordenador),*

*Lisaneos Francisco Prates, Mário Marcelo Coelho,*

*Cláudio Buss e Leonardo Agostini Fernandes*

Copidesque: *Mônica Elaine G. S. da Costa*

Coordenação de revisão: *Marina Mendonça*

Revisão: *Ruth Mitsuie Kluska*

Gerente de produção: *Felício Calegari Neto*

Capa e editoração eletrônica: *Manuel Rebelato Miramontes*

Ilustração: *Gustavo Montebello*

---

*Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.*

---

**Paulinas**

Rua Dona Inácia Uchoa, 62

04110-020 – São Paulo – SP (Brasil)

Tel.: (11) 2125-3500

<http://www.paulinas.com.br> – [editora@paulinas.com.br](mailto:editora@paulinas.com.br)

Telemarketing e SAC: 0800-7010081

© Pia Sociedade Filhas de São Paulo – São Paulo, 2008

# Sumário

<b>Apresentação</b> .....	9
<b>Unidade I – Pré-Catecumenato</b> .....	11
1º encontro – O Pai envia seu Filho .....	13
2º encontro – O Evangelho de Jesus segundo Marcos....	17
3º encontro – Jesus Cristo no Evangelho segundo Marcos.	25
4º encontro – A Igreja no Evangelho segundo Marcos ...	29
5º encontro – Minha história de fé .....	34
Celebração – Entrada no catecumenato .....	38
<b>Unidade II – Catecumenato</b> .....	45
6º encontro – Somos um grupo .....	47
7º encontro – O Reino de Deus já chegou .....	52
8º encontro – O nascer para o Reino.....	56
9º encontro – Chamou discípulos e apóstolos.....	60
10º encontro – Jesus ensinava por parábolas.....	63
11º encontro – A última ceia.....	67
12º encontro – O caminho da cruz.....	71
13º encontro – A Ressurreição.....	74
14º encontro – O envio do Espírito Santo.....	79
15º encontro – Como os discípulos de Emaús.....	82
16º encontro – As pastorais.....	89
17º encontro – A oração do Pai-Nosso .....	94

18º encontro – Explicação do Creio .....	99
Celebração – Entrega do Creio e do Pai-Nosso .....	107
Celebração – Entrega do Símbolo.....	109
19º encontro – Exclusão social .....	112
20º encontro – Defesa da sociedade de direitos .....	116
21º encontro – A sexualidade .....	119
22º encontro – As drogas.....	124
23º encontro – Os valores cristãos .....	129
<b>Unidade III – Purificação .....</b>	<b>133</b>
Celebração – Inscrição do nome.....	135
24º encontro – Iniciação pascal.....	141
25º encontro – Os membros do povo de Deus .....	145
26º encontro – A liturgia.....	149
27º encontro – Celebrar o dom do Espírito.....	157
28º encontro – Sacramento da Confirmação.....	160
29º encontro – Penitência .....	164
<b>Unidade IV – Mistagogia.....</b>	<b>169</b>
30º encontro – A vida nova.....	170
31º encontro – A Eucaristia: centro da vida cristã .....	174
32º encontro – O namoro e a vida matrimonial.....	178
33º encontro – As testemunhas do Reino.....	182
<b>Bibliografia .....</b>	<b>188</b>

# Iniciação à vida cristã

## Catecumenato crismal

Este projeto tem o objetivo de envolver catequistas, catequizandos e familiares no processo de catecumenato crismal, por meio de um conteúdo que leva à progressiva compreensão da fé e, principalmente, à vivência dessa fé em sua vida pessoal e comunitária. Compõe-se dos seguintes subsídios:

- *Livro do Catequista*: inspirado no RICA (*Ritual de iniciação cristã dos adultos*), apresenta celebrações e roteiros que estimulam a participação na liturgia e que relacionam a Crisma com o Batismo e a Eucaristia, tendo como centro a Páscoa do Senhor. Propõe aos crismandos a realização do Reino de Deus mediante o discipulado de Jesus Cristo e traz, encartados, um roteiro geral das atividades e um DVD com filme sobre a Crisma e músicas.
- *Livro do Crismando*: retoma a trajetória de fé dos crismandos e busca formar uma visão integral da pessoa humana segundo a moral cristã. Apresenta a Igreja como Corpo de Cristo, presença do Espírito e manifestação de Deus-Pai no mundo e motiva os jovens a se tornarem missionários nos ambientes em que estão inseridos e a se engajarem na transformação da sociedade.
- *Livro da Família*: permite aos familiares que acompanhem, ao longo dos encontros propostos, os grandes temas tratados no catecumenato crismal. Estimula, assim, a família e os responsáveis da comunidade cristã a participarem e a colaborarem na formação catecumenal, de modo que os jovens se sintam apoiados na educação de sua fé e os catequistas, reforçados em seu trabalho.



## Apresentação

Vamos começar um caminho de fé, uma nova etapa que nos ajudará a ver o mundo de maneira diferente, mais do jeito que Cristo compreendeu a pessoa humana.

Percorrer um caminho é algo sempre novo, cheio de aventura e de expectativa. Nunca sabemos o que está lá mais adiante. Mesmo assim nos colocamos em movimento, pois sentimos necessidade de avançar. Uma boa dica de como fazer isso pode ser a seguinte: “Mude, mas comece devagar, porque a direção é mais importante que a velocidade” (Clarice Lispector). E a direção será apontada pelo Mestre, porque ele nos conduz à Vida plena (cf. Jo 10,10).

Este livro tem um objetivo: mostrar o mapa do tesouro do Evangelho, que, ao ser descoberto, faz valer a pena vender tudo para comprar o terreno onde está escondido. O tesouro ou a pérola preciosa é o Reino que Jesus inaugurou com a sua vinda entre nós (cf. Mt 13,44-46). Nesse Reino há mistérios que só podem ser desvendados se passarmos por uma iniciação, se fizermos uma experiência deles (cf. Lc 10,21).

Mas não fazemos essa caminhada sozinhos. Nós nos aproximamos do Reino em grupo, como discípulos dispostos a partilhar dúvidas, sentimentos e modos de ver as coisas. É preciso também estarmos prontos para ouvir a voz do Mestre e encontrar nele o Caminho, a Verdade e a Vida. Portanto, mãos à obra! Procuremos participar ativamente da comunidade e dos encontros, colaborando e dando nossa opinião.

O que é mais bonito no jovem é a sua decisão generosa de abraçar grandes ideais. Só não pode acontecer com a gente o que se passou com o jovem rico (cf. Mt 19,16-26), que foi incapaz de desprender-se de suas coisas para seguir a Verdade. Ao contrário,

sejamos testemunhas do Reino, da novidade que Jesus Cristo inaugurou em nosso mundo para encontrarmos a Vida nova.

Convidamos seus pais, padrinhos e familiares para o ajudarem nesta descoberta. Eles podem ser bons companheiros de viagem porque já vivenciaram muitas coisas. Nada melhor do que ter ao nosso lado quem a gente ama e quer o nosso bem. Na verdade, eles serão um grande apoio para o fortalecimento da fé ensinada pela Igreja.



UNIDADE I  
PRÉ-CATECUMENATO



## O Pai envia seu Filho

Proclamar: *Jo 3,16-21 – Deus amou tanto o mundo, que entregou o seu Filho único.*

A história de Jesus de Nazaré da Galileia tem seu ponto de partida em uma realidade profundamente humana, que é a família. O Segundo Testamento nos dá notícia da sua concepção no ventre materno de uma mulher que vivia em Nazaré da Galileia chamada Maria. Ela estava prometida em casamento a um homem também de Nazaré chamado José.

Mas, se o Filho foi enviado pelo Pai para nascer no coração de uma família situada dentro de uma cultura e de uma sociedade concreta, houve também uma pré-história, um antes da entrada do Filho na nossa história, um seu relacionamento com o Pai antes da encarnação.

É o relacionamento pessoal determinado pelo amor absoluto e pleno existente entre o Pai e o Filho que possibilita o envio deste último pelo Pai. Tal gratuidade amorosa se desdobra diretamente em favor da humanidade. Qual terá sido a motivação para Deus-Pai enviar o Filho. A resposta é a radical gratuidade do amor do Pai. “Deus amou tanto o mundo, que entregou o seu Filho único, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3,16). Enviar é sinônimo de oferecer, doar, entregar em benefício salvífico-libertador para a humanidade. “Quem não poupou o seu próprio Filho e o entregou por todos nós, como não nos haverá de agraciar em tudo junto com ele?” (Rm 8,32).

“Na plenitude dos tempos” (Gl 4,4), Deus-Pai enviou ao mundo seu Filho Jesus Cristo, Senhor nosso, Deus verdadeiro

“nascido do Pai antes de todos os séculos” e homem verdadeiro nascido da Virgem Maria por obra do Espírito Santo. A figura feminina é a mediação humana que torna possível a entrada do Filho na história, segundo a expressão paulina “nascido de uma mulher” (Gl 4,4). A maternidade humana é vinculada à paternidade de Deus-Pai. O envio e o nascimento do Filho acabam sendo a superação do distanciamento entre divino e humano.

Instaura-se o dinamismo do quanto mais humano mais divino, quanto mais divino, mais humano. Assim, o Filho é a verdadeira comunicação reveladora da identidade do ser humano. De tão humano, o Filho recupera o verdadeiro sentido da dignidade e da vida humana por revelar/comunicar a vida divina dentro da própria vida humana. “Na realidade, o mistério do homem só no mistério do Verbo encarnado se esclarece verdadeiramente. Adão, o primeiro homem, era efetivamente figura do futuro, isto é, de Cristo Senhor. Cristo, novo Adão, na própria revelação do mistério do Pai e do seu amor, revela o homem a si mesmo e descobre-lhe a sua vocação sublime. Não é por isso de admirar que as verdades acima ditas tenham nele a sua fonte e nele atinjam a plenitude. ‘Imagem de Deus invisível’ (Cl 1,15), ele é o homem perfeito, que restitui aos filhos de Adão semelhança divina, deformada desde o primeiro pecado. Já que, nele, a natureza humana foi assumida, e não destruída, por isso mesmo também em nós foi ela elevada a sublime dignidade. Porque, pela sua encarnação, ele, o Filho de Deus, uniu-se de certo modo a cada homem. Trabalhou com mãos humanas, pensou com uma inteligência humana, agiu com uma vontade humana, amou com um coração humano. Nascido da Virgem Maria, tornou-se verdadeiramente um de nós, semelhante a nós em tudo, exceto no pecado.”<sup>1</sup>

A expressão paulina *nascido de mulher* ganha um especial contorno na afirmação do Quarto Evangelho: “E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós” (Jo 1,14a). Sua divindade se radica na eternidade da sua existência como Verbo eterno em comunhão de vida com o Pai. O Eterno assume a temporalidade tipicamente humana tornando-se um de nós. Ele vem habitar, vale dizer, fazer morada no coração da humanidade, situada no mundo e na

---

<sup>1</sup> CONCÍLIO VATICANO II, Constituição *Gaudium et Spes*, n. 22.

história. A encarnação do Verbo é expressão da total e absoluta solidariedade de Deus para com o ser humano.

Quando o Pai, no desígnio do seu amor, decide enviar o Filho e quando este nasce de uma mulher, está abraçando a humanidade inteira. O outro braço do Pai é o Espírito Santo. Por isso, o Filho nasce na história por obra do próprio Espírito Santo. Esse movimento dinâmico e totalmente gratuito da ação amorosa do Pai através dos seus dois braços (o Filho e o Espírito Santo) é a retomada do sentido primeiro da criação do mundo e do ser humano.

## **VIVÊNCIA**

O envio e a entrada do Filho na história, o qual passa a ser caminhante e peregrino com o ser humano, são a abertura definitiva para a transformação da pessoa e do mundo conforme o projeto original de Deus. Esse deve ser o compromisso do cristão em um processo de conscientização sempre crescente daquilo que significa fazer o caminho do seguimento de Jesus Cristo na atualidade da vida.

Assim, iniciamos após o Batismo o processo de configuração em Cristo. Ele é o Caminho, a Verdade e a Vida para nós o termos sempre como referência de nossas escolhas. Vamos conhecer a mensagem do Evangelho mais de perto. Torna-se necessário lermos os quatro evangelhos, cada dia um pouco, nos familiarizarmos com os ensinamentos de Jesus, para que nos espelhemos neles e naturalmente possamos praticar o que a oração e a interiorização de sua Palavra nos orientam.

## **ORAÇÃO**

Com o grupo em torno do ambão da igreja, faz-se uma leitura do texto a seguir para em seguida proclamar o Evangelho.

A liturgia comemora sem cessar, em cada celebração, a Palavra feita carne e dada como alimento aos que têm sede e fome

do Pão descido do céu. Essa Palavra é o próprio Filho que o Pai nos enviou. Cristo Jesus, palavra vivente do Pai à humanidade, “presente está pela sua palavra, pois é ele mesmo que fala quando se leem as Sagradas Escrituras na igreja”,<sup>2</sup> ou ainda, “presente em sua Palavra, anuncia o Evangelho”.<sup>3</sup>

A Palavra de Deus contida na Bíblia se converte toda vez, na celebração litúrgica, em um “acontecimento novo”, e adquire – segundo os tempos do Ano Litúrgico, as festas e ou a celebração concreta – uma nova interpretação e eficácia.

É a própria celebração, a partir de seu “hoje” e “aqui”, que ampara e dá novo e eficaz sentido à Escritura. Como o próprio Jesus fez em sua homilia em Nazaré (cf. Lc 4,16-21: “Hoje, esta escritura se realizou para vós que a ouvis”).

A celebração litúrgica da palavra não é uma mera reunião de estudo ou uma catequese de formação permanente em torno de um livro sagrado: é o acontecimento de um Deus que fala hoje e aqui para a comunidade concreta.

A presença de Cristo em sua palavra proclamada é pessoal, dinâmica e salvadora. Primeiro ele se dá a nós como palavra e depois como alimento eucarístico. Primeiro “comungamos” com ele na forma de palavra viva de Deus (ele é a palavra definitiva) e depois na forma de Pão e Vinho.<sup>4</sup>

**Comentarista:** *Diante do máximo valor com que a Igreja celebra a Palavra, vamos acolhê-la cantando.*

Entrada solene do livro da Palavra (o *Lecionário* ou uma Bíblia) e, em seguida, a proclamação.

O leitor 1 proclama: *Jo 1,1-8.14 – O Verbo se fez carne.*

Partilhar: Por que a liturgia venera e valoriza tanto a Palavra? Pode-se concluir com algumas preces espontâneas, o Pai-Nosso e a bênção final.

---

<sup>2</sup> Id., Constituição *Sacrosanctum Concilium*, n. 7.

<sup>3</sup> *Instrução Geral sobre o Missal Romano*, n. 29.

<sup>4</sup> Cf. ALDAZÁBAL, José. *A mesa da Palavra I: elenco das leituras da missa; comentários*. São Paulo, Paulinas, 2007. pp. 14-17.

## O Evangelho de Jesus segundo Marcos

O Evangelho segundo Marcos é o mais breve dentre os três sinóticos.<sup>1</sup> Visa responder a três perguntas: Quem é Jesus? Qual é a sua missão? Como se tornar seu discípulo?

Esta obra inaugura no cristianismo o gênero literário denominado “evangelho”. O termo “evangelho” deriva do grego *euangélion* (*eu* significa “bom/boa” e *angélion*, “notícia/mensagem”). Evangelho é, então, o “anúncio de um acontecimento bom e extraordinário” nos lábios de quem o transmite e para os ouvidos de quem o escuta.

Os primeiros cristãos assumiram e utilizaram o termo *euangélion* para definir o *evento Jesus Cristo* na sua totalidade. *Euangélion* é a mensagem salvífica, anunciada *oralmente* e tem seu início na vida e obra de Jesus, pois Ele é a *Boa-Notícia* do Pai revelada aos homens. Assim, no início, a pregação da Igreja não dizia respeito a uma notícia deixada por escrito, mas era a transmissão da experiência que brotou da fé dos Apóstolos que conviveram com a pessoa e participaram das palavras e das obras de Jesus de Nazaré.

O Novo Testamento (NT) conhece somente *o evangelho* e não o seu plural, *evangelhos*. Evangelho é sempre uma única realidade. É uma Pessoa em sua vida e ministério: Jesus Cristo, morto e ressuscitado, anunciado e testemunhado aos homens (cf. Rm 1,1-7). “Por esse motivo, não há diferença entre crer no que Jesus *proclama* e *anuncia* e no que Ele é, pois Ele é a Palavra de

---

<sup>1</sup> O evangelho segundo *Mateus*, *Marcos* e *Lucas* são chamados *Sinóticos*. Este termo é oriundo de duas palavras gregas *syn* + *optikos* (“visão de conjunto” ou “mesmo ponto de vista”), porque possuem semelhança de material e oferecem uma ampla concordância, podendo ser dispostos para a leitura em colunas paralelas.

Deus que se manifesta em seu *ser* e *agir*. Não se trata, apenas, de aderir às ideias de Jesus, mas à sua pessoa”.<sup>2</sup>

*Euangélion* é uma pregação oral eficaz. É uma Palavra Viva, que deve ressoar no mundo de forma agradável e eloquente para quem a escuta. O principal objetivo dessa pregação é proporcionar o encontro do homem com a pessoa de Jesus Cristo, o Verbo feito carne (Jo 1,1-18), e provocar a adesão ao plano salvífico do Pai que n’Ele se revela e por Ele se realiza.

A passagem do *âmbito oral* ao *âmbito escrito* constituirá uma fase sucessiva, ocorrida depois de uns trinta ou quarenta anos após o evento da Páscoa de Jesus. *Euangélion*, a partir disto, começará a designar um *gênero literário* (cf. Mc 1,1).

Em linhas gerais, tem-se a seguinte aplicação para o termo:

- *Evangelho* é a Boa-Notícia anunciada pelo próprio Jesus aos ouvintes de sua época (cf. Mc 1,14-15 e paralelos; Lc 18,29).
- *Evangelho* é o próprio Jesus; conteúdo do anúncio e Pessoa se inter-relacionam (cf. Mc 8,35).
- *Evangelho* é a pregação dos apóstolos sobre Jesus e sua obra salvífica (cf. At 28,31; Cl 1,26-27); eles ensinam tudo o que diz respeito ao Filho de Deus, a partir da sua vitória sobre a morte: sua Ressurreição e Ascensão aos céus.
- *Evangelho*, enfim, é a passagem do anúncio oral das *Palavras* e dos *Fatos* de Jesus para o Livro que contém tais *Palavras* e *Fatos*, a fim de que todas as gerações conheçam, amem e adiram ao Salvador.

### ***Autoria***

Marcos não figura na tradição da Igreja como um dos apóstolos, mas como um discípulo e um direto colaborador, em especial de Pedro, que o chama *meu filho* (“A eleita como vós, que está em Babilônia, vos saúda, e meu filho Marcos” [1Pd 5,13]), e de

---

<sup>2</sup> CNBB. *Discípulos e servidores da Palavra de Deus na missão da Igreja*. São Paulo, Paulinas, 2012. n. 18. (Documentos da CNBB 97).

Paulo, que, da sua prisão por causa de Jesus e do seu evangelho, reclama a presença e a atuação de Marcos no ministério (“Só Lucas está comigo. Toma Marcos e traze-o contigo, pois me será útil para o ministério” [2Tm 4,11]).

Marcos tornou-se um fiel discípulo de Jesus Cristo e membro atuante em sua Igreja, companheiro de missão junto a Pedro e a Paulo, fazendo parte da primeira geração dos discípulos e missionários do evangelho.

### ***Destinatários***

O segundo evangelho parece que foi escrito para convertidos pouco familiarizados com o ambiente e com as tradições judaicas.

### ***Lugar e data***

Conforme uma antiga tradição, o Evangelho segundo Marcos teria sido escrito em Roma, lugar final da atividade apostólica de Pedro (cf. 1Pd 5,13).

### ***As sequências narrativas***

Marcos não quis fazer uma *crônica* sobre Jesus, mas encontrou um modo de apresentar a sua identidade *em duas etapas*, unidas pela célebre *confissão de Pedro* em Cesareia de Filipe (cf. Mc 8,27-30). Jesus, em sua identidade e missão, revela-se *o messias* que realiza o Reino de Deus pela total obediência.

### ***Primeira etapa: Jesus e as multidões***

Nota-se a relação de Jesus com as multidões, que compreendem muito pouco do seu “ensinamento” sobre o Reino de Deus.<sup>3</sup> Por causa dessa “incompreensão”, no Evangelho segundo Marcos os fatos são privilegiados. Os feitos de Jesus, mais do que os discursos, atestavam melhor o Reino de Deus para os destinatários.

---

<sup>3</sup> A categoria teológica “Reino de Deus” é uma característica do evangelho proclamado por Jesus, que irrompe na história não como um “lugar geográfico”, mas como a ação total de Deus na vida de uma pessoa. Dizer “Reino de Deus” equivale a dizer que “Deus reina” na vida da pessoa que a ele adere. Em Jesus, o Reino é pleno e sem dicotomias, pois Jesus realiza, plenamente, a vontade de Deus.

Todavia, apesar de Jesus realizar vários milagres, ele busca ocultar e preservar o seu messianismo do perigo de não ser bem entendido pelo povo e até pelos próprios discípulos. Esse “ocultamento” é chamado *segredo messiânico* (cf. Mc 1,33-34; 3,12; 5,43; 7,36; 8,26).

### *Narração*

**1,1-13:** Preparação: ministério de João Batista que vem do deserto para preparar os caminhos do Messias.

**1,14–8,26:** Ministério de Jesus por toda a Galileia.

1,14-15: Nota fundamental do anúncio e ministério de Jesus: *“Cumpriu-se o tempo, e o Reino de Deus está próximo. Arrependei-vos e crede no Evangelho”* (cf. Os 14,2-9).

**1,16-45:** Vocação dos primeiros discípulos; anúncio de Jesus feito com autoridade e confirmado pelos milagres realizados.

**2,1–3,6:** Série de conflitos envolvendo as lideranças religiosas que, já no início, decidem condenar e matar Jesus.

**3,7–4,41:** O ministério prossegue, mas cresce a oposição a Jesus. Alguns ensinamentos são feitos por meio de parábolas e evidenciam que o Reino vem revelado aos discípulos e não a quem se opõe ao evangelho. A fé dos discípulos é provada na tempestade, que oferece a ocasião para mostrar o estupor deles, mas também serve para alargar a missão de Jesus.

**5,1–8,26:** Em territórios pagãos, Jesus realiza prodígios que servem de ensinamento e de preparação para a missão dos doze. O martírio de João Batista revela e atesta o seu carisma profético diante de Herodes.

### ***Segunda etapa: Jesus e os seus discípulos***

A segunda etapa está ligada à Judeia e em particular à capital, Jerusalém, onde o ministério de Jesus é consumado. Esta

etapa pode ser dividida em dois momentos: (a) a viagem rumo a Jerusalém (cf. Mc 10,32-52); (b) os eventos em Jerusalém (cf. Mc 11,1-16,8.9-20).

Os discípulos, por primeiro, são os que devem reconhecer e compreender o significado do messianismo assumido por Jesus (cf. Mc 8,27-33). Por isso, Jesus lhes fala, abertamente, sobre o centro da sua missão, paixão e morte, entendendo a natureza e a razão última do ministério. O ponto culminante da revelação messiânica acontecerá em duas fases ou momentos: (a) durante o processo de condenação de Jesus diante do Sumo Sacerdote (cf. Mc 14,60-62); (b) no momento da sua morte de cruz diante do centurião (cf. Mc 15,39).

**8,27-10,52:** Em Cesareia de Filipe, bem ao norte de Israel, Pedro proclamará que Jesus é o Cristo (= Messias). A intenção do evangelho dirige o ouvinte-leitor a fixar-se sobre a paixão, pois após a confissão seguem três anúncios (cf. Mc 8,31; 9,31; 10,32-34).

Ao lado da confissão de Pedro, a transfiguração de Jesus antecipa e manifesta a sua glória para três discípulos. Nesta seção, encontram-se diversos ensinamentos de Jesus sobre o seguimento e o discipulado. Estes aparecem enquadrados por duas curas de cegos (cf. Mc 8,22-26 e 10,46-52), simbolizando a dificuldade que os discípulos possuem para se deixar iluminar (uma referência ao Batismo?), alcançar o destino e o objetivo do ensinamento do Mestre (Mc 10,35-45 exemplifica o fato).

**11,1-16,8:** Início do ministério em Jerusalém: o templo figura no centro da narrativa.

**11,1-12,44:** As atitudes de Jesus no templo aparecem como um novo sinal profético (cf. Jr 26) e fundamentam os novos conflitos e controvérsias com as autoridades judaicas.

**13,1-37:** A predição da destruição do templo abre espaço para as novas instruções sobre as lutas que a comunidade sofrerá enquanto aguarda a consumação dos tempos.

**14,1–15,47:** O início da narrativa sobre a Paixão tem por base a conspiração dos Sumos Sacerdotes (Anás e Caifás), que leva Jesus à morte pelas mãos de Pilatos.

**16,1-8:** O evangelho termina não com os discípulos, mas sim com as mulheres que descobrem o túmulo vazio e recebem a tarefa de anunciar a vitória de Jesus sobre a morte aos discípulos e a Pedro. O temor e o medo, porém, dominam a cena.

**16,9-20:** Este final canônico está de acordo com os limites estabelecidos por Pedro na ocasião em que tomou a palavra sobre a sucessão de Judas Iscariotes (cf. At 1,21-22; 10,41), mas nota-se, claramente, a interferência lucana, parecendo um resumo do final do terceiro evangelho.

## VIVÊNCIA

O surgimento do evangelho por escrito não perde a sua força de anúncio oral. Diante deste anúncio, cada pessoa que ouve ou lê pode manifestar e assumir duas posturas: *conversão* ou *escândalo*.

- a) Acontece a *conversão* na vida daquele que acolhe o evangelho (cf. Mc 1,15), fazendo um caminho inverso de vida e alcançando a salvação (cf. Rm 1,16; 1Cor 15,1-2).
- b) Acontece o *escândalo*, isto é, pedra de tropeço, na vida daquele que não acolhe ou rejeita o evangelho (cf. At 17,32), distanciando-se da salvação (cf. 1Cor 1,17-23; Mt 11,5-6; Lc 7,22-23).

Quando o evangelho é recebido com amor, a pessoa inicia um processo de conversão que a insere na dinâmica do discipulado, consciente de que o encontro com Jesus Cristo tornou-se nela uma necessidade a favor das outras pessoas.

Em contrapartida, quando o evangelho não é recebido, a pessoa, por não se abrir ao amor, deixa de dar a si mesma a chance de trilhar um caminho de mudança. O “eu” sobrepõe-se ao “tu”.<sup>4</sup>

## ORAÇÃO

Antes de iniciar as orações em grupo ou as celebrações da comunidade, convide os crismandos a se cumprimentarem, a desejarem a paz ou se abraçarem. Motive-os antes, para que não seja apenas algo barulhento, mas que tomem atenção no sentimento interior de aprovação do outro, de perdão das mútuas ofensas ou mal-entendidos, de cuidado do outro, particularmente daqueles(as) que passam por situações de doença ou por problemas familiares.

Convide os crismandos a se integrarem na equipe de acolhida e combinar estratégias, por exemplo: ajudá-los a identificar as pessoas novas na celebração, ir ao encontro e estabelecer o diálogo com elas.

As duas fórmulas mais comuns de saudação no início da missa expressam à comunidade reunida a presença do Senhor. Reflita tais sentidos com o grupo.

- a) A graça de nosso Senhor Jesus Cristo, o amor do Pai e a comunhão do Espírito Santo estejam convosco.
- b) A graça e a paz de Deus, nosso Pai, e de Jesus Cristo, nosso Senhor, estejam convosco.

**Resposta: Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo.**

---

<sup>4</sup> Este encontro é uma transcrição livre de: FERNANDES, Leonardo Agostini. Introdução ao Evangelho segundo Marcos. In: FERNANDES, Leonardo Agostini; GRENZER, Matthias. *Evangelho segundo Marcos*; eleição, partilha e amor. São Paulo, Paulinas, 2012. pp. 7-28.

## Jesus Cristo no Evangelho segundo Marcos

Marcos tem o interesse de evidenciar o mistério de Jesus: revelando-o não somente como *Cristo*, mas também como verdadeiro *Filho de Deus* (cf. Mc 1,1).<sup>1</sup> O caminho para alcançar esta meta é fatigoso e difícil, em meio a intrigas, incompreensões e ameaças de morte. Ao lado disso, o *segredo messiânico* (cf. Mc 1,33-34; 3,12; 5,43; 7,36; 8,26) perpassa todo o evangelho, dando a entender que, para reconhecer e acolher Jesus como messias, se faz necessário acolher, integralmente, a vontade de Deus, liberando-se do equívoco de ver o messias como alguém intocável pelos homens. Os compatriotas de Jesus esperavam um messias nos moldes do rei Davi, líder bélico, revestido de grandeza e majestade, e não como Jesus o viveu, pelo serviço e doação.<sup>2</sup>

Jesus demonstrou que não veio ser o messias guerreiro e líder político. Ele assumiu e se apresentou como servo sofredor, como o messias segundo o desígnio do Pai.<sup>3</sup> Ele veio para realizar a vontade do Pai e não o querer dos homens permeado de grandezas e glórias humanas.

<sup>1</sup> O caminho para o conhecimento de Jesus nos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas é apresentado como um percurso *ascendente*, isto é, o reconhecimento sobre a identidade e a missão de Jesus parte da sua humanidade para chegar à revelação da sua divindade. É um método indutivo, pois parte-se do elemento particular (o humano) para alcançar o elemento mais abrangente (o divino).

<sup>2</sup> Nas Tentações enfrentadas por Jesus, segundo as narrativas de Mateus e Lucas, ficou marcada a rejeição de um messianismo meramente terreno. Ele escolheu a via do serviço como caminho para realizar a vontade do Pai. Jesus não é o messias da “vida fácil” (mudar pedras em pães), do “sucesso” (pular do pináculo) e do “poder” (posse dos reinos), mas sim aquele em que o Servo se entrega livremente como vítima pelos pecadores (cf. Is 52,13–53,12).

<sup>3</sup> Esta perspectiva está acentuada nos textos litúrgicos da Quaresma, quando são lidos os *cantos do servo sofredor de Isaías* aplicados a Jesus Cristo (Domingo de Ramos: Is 50,4-7; Paixão do Senhor: Is 52,13–53,12).

Por isso, o segredo messiânico transparece no Evangelho segundo Marcos como uma tentativa de salvaguardar o ministério público de Jesus, para que não fosse ameaçado pelas falsas pretensões em torno de um messias preocupado, apenas, em salvar o povo eleito no que dizia respeito às questões materiais. Jesus é o messias que veio realizar a verdadeira libertação da opressão causada pelos grilhões do pecado e das injustiças, restaurando a integridade original do ser humano.

Jesus foi admirado pelos seus compatriotas, mas não foi compreendido e, por conseguinte, foi rejeitado por se definir como o *Filho do Homem Sofredor*. Percebe-se que as multidões (cf. Mc 1,14-3,12; 6,1-6), os familiares (cf. Mc 3,20-21) e os seus discípulos (cf. Mc 8,31-38) também não conseguiram penetrar no íntimo e na lógica do messianismo vivido por Jesus.

A identidade de Jesus é um mistério, é uma revelação que pertence exclusivamente ao Pai (cf. Mc 1,11; 9,7), mas que, por palavras e obras, é dada aos discípulos em um momento certo (cf. Mc 4,10-13; 8,27-30). Jesus, pessoalmente, também se revelará e se confessará messias diante da insistente pergunta feita pelo Sumo Sacerdote (cf. Mc 14,60-62), mas, na dinâmica do Evangelho segundo Marcos, esta confissão ficou reservada ao centurião diante da sua cruz (cf. Mc 15,39).

Pelo segredo messiânico, Jesus revela o caminho assumido, capaz de manifestá-lo como o Filho que verdadeiramente se entregou à vontade do Pai. Jesus demonstrou a sua divindade, aceitando a rejeição dos homens, representados tanto pelos judeus, como pelos romanos, e pela incompreensão dos seus discípulos e familiares.

Na dinâmica do ministério, para Jesus importa instaurar e realizar o Reino de Deus que possui uma força própria e cresce por si só (cf. Mc 4,26-32). Um reino que não se conquista pelas riquezas, pelo sucesso (cf. Mc 10,23-35), ou pela força do poder político (cf. Mc 11,10), mas que deve ser acolhido na simplicidade (cf. Mc 10,13-16).

Jesus, em sua identidade e missão, revela-se *o messias* que realiza o Reino de Deus pela total obediência. Mas como Jesus

faz isso? Três momentos, presentes no Evangelho segundo Marcos, podem ajudar a responder a essa pergunta, levando-se em consideração estas *duas etapas* interligadas pela confissão de Pedro:

No primeiro momento, a missão do Filho acontece através das suas palavras e obras ligadas ao seu ministério na Galileia, que denunciam quem Ele é, isto é, revelam a sua identidade.

As multidões, vendo tudo o que Jesus ensina e realiza, se interrogam a respeito dele, mas não conseguem ir além do reconhecimento de que ele age como se fosse um profeta (cf. Mc 1,14–8,26). Não obstante isso, os milagres que Jesus opera e a sua palavra de autoridade revelam a força da sua atuação salvífica. Por causa dessa autoridade, apresentam-se os seus opositores: (a) os demônios (cf. Mc 1,24.34; 5,7); (b) os fariseus, que tramam contra a sua vida (cf. Mc 3,6); (c) os apóstolos, que, não compreendendo, ficam perplexos diante das palavras e das obras de Jesus (cf. Mc 4,13; 6,52; 7,18; 8,17-21; 9,31-33).

No segundo momento, acontece a revelação do Filho como sendo o Cristo. Esta revelação é feita aos discípulos, inicialmente, através da instrução que Jesus inicia a partir da confissão que brota nos lábios de Pedro: *Tu és o Cristo*. Com essa confissão, tem início a viagem de Jesus com os seus discípulos rumo a Jerusalém para concluir a sua missão (cf. Mc 8,27–13,23).

Jesus pretende mostrar aos discípulos que a confissão *Tu és o Cristo* não era uma simples afirmação que brotara nos lábios de Pedro, mas consistia em uma revelação que exigia assumir, aderir e entender o plano divino do Messias, isto é, a realização do Reino de Deus e de sua vontade.

A partir dessa confissão, as multidões saem parcialmente de cena, os milagres diminuem e Jesus dedica-se, quase exclusivamente, à instrução dos seus discípulos. Estes, porém, não entendem o sentido do mistério messiânico de Jesus (cf. Mc 8,33; 9,10.32; 10,38). Por três vezes Jesus anuncia a sua paixão-missão (cf. Mc 8,31-33; 9,30-32; 10,32-34), a fim de ajudá-los a superar o messianismo terreno do poder e da glória meramente humanos. No fundo, Jesus pretende que eles alcancem uma plena compreensão da revelação da sua identidade. Por isso, do seu ensinamento

resulta que ele é o “Filho e Senhor de Davi” (Mc 12,36 cf. Sl 110,1), e “O Filho do Homem vindo entre as nuvens” (Mc 13,26; cf. Dn 7,14-15 e Ez 1,26-28).

Jesus é, ao mesmo tempo, o Filho do Homem e o Servo Sofredor, que seguirá a estrada do sofrimento e da cruz para salvar e resgatar todos aqueles que o aceitarem (Mc 10,45 parece aludir a Is 52,13–53,12).

No terceiro momento, acontece a revelação de Jesus, como Messias e Filho de Deus. Esse momento se realizou pela total doação de Jesus durante a sua entrega eucarística, que antecipa a sua paixão e morte. É a autorrevelação de Jesus como Messias e Filho de Deus. A cruz é o sinal que visualiza a sua identidade e a sua missão, concretizando, assim, a manifestação de Deus que ocorreu no momento do Batismo (Mc 1,9-11 é uma chave de leitura para todo o evangelho), da transfiguração (cf. Mc 9,7), e no momento em que um pagão, isto é, o executor da sentença, reconhece a filiação divina no crucificado: “Verdadeiramente este homem era filho de Deus” (Mc 15,39).<sup>4</sup>

## VIVÊNCIA

Abraçar a cruz de Cristo significa amar além dos interesses pessoais. Implica compreender que o amor ultrapassa as fronteiras dos sentimentos para acolher e proteger o outro como irmão. Assim, como Jesus nos amou até derramar seu sangue na cruz.

O que significa a cruz no caminho de Jesus? Ela tem o mesmo significado no caminho do discípulo-crismando?

## ORAÇÃO

**Comentarista:** *A chegada de Jesus em nosso tempo inaugura uma nova forma de viver. Ele nos apresenta um novo projeto de socie-*

---

<sup>4</sup> Este encontro é uma transcrição livre de: FERNANDES, Leonardo Agostini. Introdução ao Evangelho segundo Marcos, pp. 29-34.

*dade e de como as pessoas podem se relacionar de maneira harmoniosa e fraterna. Todos somos convocados a fazer parte desse Reino.*

**Leitor 1:** *proclama Mc 1,14-20 – A chegada do Reino e a convocação dos discípulos.*

Silêncio

**Leitor 2:** *Senhor, ensinaí-nos a sermos discípulos vossos. Queremos conhecer vossa pessoa e descobrir a novidade do Reino em nossas vidas. Ouvimos tantas vozes, mas somente o vosso chamado pode nos trazer a verdadeira felicidade que não decepciona. Mostrai-nos vosso rosto, tomai nossas mãos e guiai-nos em direção do vosso coração. Não queremos nos afastar de vós! E sim, ter-vos como nosso amigo e irmão que nos conduz ao Pai na força do vosso Espírito.*

**Catequista ou introdutor:** *Ó Deus, vós que mostrais a luz da verdade aos que erram para que possam voltar ao bom caminho, concedei a todos os que se gloriam da vocação cristã rejeitem o que se opõe a este nome e abracem quanto possa honrá-lo. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.<sup>5</sup>*

---

<sup>5</sup> Oração de Coleta da 2ª feira da 3ª semana da Páscoa.